



## MODOS DE (RE)ESCRITA DE SI NOS DESLOCAMENTOS SUBJETIVOS DE MULHERES TRABALHADORAS

Jailma dos Santos Pedreira Moreira<sup>1</sup>

Como falar em escrita de si de pessoas que não escreveram? Como falar de uma prática de escrita deslocadora, revolucionária, subjetiva, vital? Escrita-vida, vida-escrita, estes termos se confundem no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste do Brasil (MMTR). Para a primeira pergunta que inicia este texto diria que os relatos de vida, as entrevistas feitas com essas mulheres já apontam para uma espécie de autobiografia compartilhada, já estão sendo considerados como um gênero textual significativo e relevante por certos estudos<sup>2</sup>. Entretanto, com as mulheres trabalhadoras rurais da Bahia, neste caso as mulheres do município de Inhambupe<sup>3</sup>, temos aprendido a perceber outras textualidades, modos singulares de escrita de si, de reescrita de si, assim como temos sido levados a pensar sobre o uso da escrita.

Em primeiro lugar talvez devêssemos dizer dessa outra noção de texto que percebemos no movimento dessas mulheres e de autoras que nos ajudaram nesta percepção. Dessa forma, Hevelina Hoisel<sup>4</sup>, ao tratar da leitura do texto artístico, das peculiaridades deste, como a renovação incessante da linguagem que efetua, vai iniciar sua argumentação dizendo-nos que texto é toda malha significativa, que este não se restringe ao escrito ou oral, que o mundo é um texto e que, portanto, pode ser lido.

Nessa linha, Joan Scott<sup>5</sup> também vai reafirmar o mundo-texto e a sua preocupação em como fazer leituras deste, ou seja, não somente de livros e documentos, mas de expressões diversas, incluindo as práticas culturais. Para Scott a chave da questão estaria em ver-ler estes textos em termos de significados históricos e contextuais específicos. Para tanto, lembra da lição dos pós-estruturalistas que insistem em afirmar que as palavras ou os textos não têm significados intrínsecos ou imutáveis, que não há uma relação transparente entre as idéias e as coisas e que verificar como certos significados estão mudando, em que enredo social, pode nos revelar como o poder é

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). jailmapedreira@uol.com.br

<sup>2</sup> CF. LEJEUNE, Philippe; *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>3</sup> Cf. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz*. 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2008. Cf. também TCC, por mim orientado de CRUZ, Sandra. *MMTR de Inhambupe: um canto a ser ouvido*. Trabalho de conclusão de curso – TCC (Letras). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2009.

<sup>4</sup> HOISEL, Evelina. *A leitura do texto artístico*. Salvador: EDUFBA, 1996.

<sup>5</sup> Cf. SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. *Debate feminista*. México: s/ed. 1999.



constituído e manejado. Por último ainda lembramos o que Scott nos alerta sobre a linguagem definindo-a como ponto crucial de entrada e de partida para entender como funcionam as relações sociais, como se vivem as relações de produção e como se estabelece a identidade coletiva.

Dessa forma, analisando suas práticas culturais, sua textualidade, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Inhambupe, como disse, tem escrito-reescrito, de forma singular, uma outra história para as mulheres rurais, de modo que nos leva inclusive a pensar a escrita, o texto que fora destinado para elas. As mulheres deste Movimento o registraram em 1996, mas o formaram, segundo sua coordenadora, Maria Helena Leys, nos anos de 1980, por conta das disparidades do trabalho na agricultura. Assim, ela nos diz: ‘Como é que a mulher tabalha o mesmo que o homem e ganha menos que o homem? O movimento começou a partir daí’<sup>6</sup>. A partir disso as mulheres aos poucos se organizaram e hoje contam com uma média de 1500 participantes, sendo que nem todas são ainda cadastradas.

A luta destas mulheres se faz em busca de uma igualdade de direitos, em busca de condições mais dignas para a mulher do campo e ao mesmo tempo em busca da afirmação de si, por elas próprias, enquanto trabalhadoras, sujeitos participativos. Nessa linha são várias temáticas que discutem-reivindicam como: salário maternidade, educação, melhorias na saúde, geração de renda, direito a créditos, acesso ao Programa Nacional de Agricultura familiar, não violência para com a mulher, profissão declarada, direito a documentos etc. Na sede que conseguiram no município, fazem reuniões e se organizam para diversas ações, para participar de encontros regionais e internacionais, firmando suas parceiras e a rede que constitui hoje o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE). Se organizam para intervir na política local, reivindicando políticas públicas, como a construção da casa abrigo para mulheres em situações de pré e pós-parto, bem como para participar da gestão pública, inclusive elegendo membros do grupo para ocupar determinados cargos na câmara de vereadores.

A luta destas mulheres é para manterem a luta, para manterem-se organizadas e nesse Movimento mostram-se de forma significativa. O MMTR de Inhambupe quando se apresenta em público geralmente o faz cantando, revestindo os lugares de rosa, as cores de suas camisas, batendo pandeiro e embalando alegria misturada a uma politização do ser mulher, do mundo em efeito de significação. Os cânticos dizem de sua luta, que é ritmada no samba de roda, como afirmação da cultura local e contestação do poderio patriarcal que fixou o ser mulher a um espaço reduzido e sem valor. É o que traduz um de seus cânticos transcritos abaixo:

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em outubro de 2008, realizada por Sandra Cruz. Cf. CRUZ, Sandra. In. Op. cit.



Eu sou mulher seu doutor, o que é que é?  
Eu sou mulher da Bahia, eu sou Mulher!

Pra lavar roupa sou mulher? Sou mulher. Pra lavar prato? Sou mulher.  
Pra cozinha? Eu sou.. Pra ter dinheiro? Por que não sou mulher?  
Pra ter filhos? Eu sou mulher. Trabalhar na roça? E sou mulher!  
Fazer comida? Eu sou... Pra ter direitos? Porque não sou mulher?  
Cuidar do marido? Eu sou mulher. Pra remendar? Eu sou mulher!  
Pra produzir? Eu sou... Pra ser candidata? Por que não sou mulher?<sup>7</sup>

As lutas contextuais das mulheres rurais de Inhambupe são transcritas no cântico, são entoadas nos espaços em que apresentam. Com este seu cântico-luta-vida questionam a naturalização da palavra mulher, o sentido prático que a ela fora atribuído e recobrem-na de outras possibilidades, desvelando as relações de poder que excluem o outro, no caso a mulher, da participação na produção reconhecida e remunerada, na participação na sociedade, inclusive enquanto legisladora, na participação da cidadania enquanto sujeito de direitos. Para a mulher que historicamente fora colocada nesta posição, somente como dona de casa que cozinha, costura, lava, cuida do marido, da roça, dos filhos, as trabalhadoras rurais de Inhambupe propõem um deslocamento dessas subjetividades, desterritorializam as mulheres e as chamam para ocupar outros lugares. É o que sugere também um outro de seus cânticos transcritos abaixo:

Olê Maiê, olê Mariá, mulher saia da cozinha  
Vem ocupar o seu lugar

A lei do machismo, vem mulher revirar  
Se não fazes tua parte, esta lei vai dominar  
Mulher frágil era um ditado, para menos te tornar  
Mas quem viu revolução sem mulher funcionar  
Mulher não deixa esta canga no teu copo a machucar  
Vem enfeitar o teu pescoço, prende nele um colar<sup>8</sup>

O lugar chamado a ser ocupado, apenas aparenta ser uma refixação do signo, pois, pelo contrário, indica um lugar fluído, deslocado e deslocador, apontando para uma participação, para uma escrita-revolução, logo reescrita dos ditados que inferiorizaram a mulher, que as reduziram somente ao espaço da cozinha. Portanto, sair dela é sair do privado enquanto signo de aprisionamento e exclusão, é um convite a participação, a revirar a língua e a lei.

Para Foucault, falando da correspondência como um modo de escrita de si, “escrever é pois mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto a outro... é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário... e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de

<sup>7</sup> Cf. MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS – Sem medo de se feliz. Livro de cantos do MMTR. Inhambupe-Bahia, s/Ed., 2003.

<sup>8</sup> Cf. Idem. Ibidem.



si mesmo lhe diz”<sup>9</sup>. Nesse sentido, estas mulheres trabalhadoras rurais cantam para si e para os outros. Apresentam-se em público, como dissemos, mostram-se com voz, com percepção da dança entre poderes e signos e ao mesmo tempo falam para si próprias, se apresentam como sujeitos que podem, que participam, como mulheres que podem ter, ao invés da canga no corpo, o enfeite de um colar. Apresentam o si e o mundo, a si e ao mundo, como uma outra possibilidade, sem dúvida com menos dor, menos dominação.

É interessante também destacar que muitas mulheres neste uso da escrita, nesta prática de outro sentido para os sujeitos femininos e a sociedade como um todo, não dominam o código escrito. Uma boa parte das mulheres do MMTR de Inhambupe são consideradas analfabetas, não lêem nem escrevem um texto escrito. E muitos dos cânticos são de autoria dessas mulheres, que ditam para as companheiras, que escrevem, passar para o papel. Essa é mais uma reivindicação deste Movimento: políticas educacionais. Maria Helena, já escolarizada, até fazendo, como única do grupo, um curso superior, quando trancreveu a cena de ver sua mãe e tantas outras mulheres sendo alfabetizadas, lendo um texto escrito, chorou, ficou muda, não conseguiu cantar, continuar a falar sobre a militância do MMTR, suas conquistas e dificuldades<sup>10</sup>.

E nós quando ouvimos-lemos o cântico, os versos, de Maria José, da comunidade rural de Mandacaru, município de Inhambupe, transcritos abaixo, o que temos a dizer?

As mulheres antigamente  
Eram muito mais sofridas  
Não conheciam seus direitos  
E viviam oprimidas

Quando eu era pequennina  
Minha mãe já me falava  
Que a gente tem valor  
Quando estamos organizadas

Eu entrei no Movimento  
Para me orientar.  
Lutar pelos meus direitos  
Para me valorizar

A gente está lutando  
Desde 96  
Agora venham também  
Já chegou a sua vez<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Cf. FOUCAULT. Michel. A escrita de si. In. *O que é um autor*. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992. p. 150.

<sup>10</sup> Ouvimos este relato de Maria Helena Leys em Seminário, incluso na campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher, que realizamos em dezembro de 2009, no campus II da UNEB, em Alagoinhas- BA.

<sup>11</sup> Cf. MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS – Sem medo de se feliz. Livro de cantos do MMTR. Inhambupe-Bahia, s/Ed., 2003.



Se estes ou outros versos são criados por mulheres que não sabem ler e escrever, considerando o mundo-texto como nos sugeriram Scott e Hoisel, já citadas, considerando o sujeito como malha significante, diria que estas mulheres estão sabendo ler e reescrever seu mundo, sua subjetividade. Conseguem perceber-ler as significações atribuídas que constituíram uma imagem para mulher que se tipificou no passado e, mais que isso, remarcam esse texto prescrito, mexem, na prática, neste significado, e se organizam, nos ensinam a ler-olhar de outra forma, reconhecendo a fala, o texto, a escrita das mães, de inúmeras mulheres na história, que foram tomadas sem voz, sem ter o que dizer.

Renovam a linguagem, pois nos fazem perceber outros movimentos textuais, outro valor para a escrita e leitura que emergem como arma de participação e intervenção, como potência enunciativa. Arma de politização sígnica-subjetiva. Arma contextual feminista. Com estas lições a pesquisa de Sandra Cruz<sup>12</sup> e outras investigações que realizamos nos revelam que o canto do MMTR de Inhambupe ainda não é ouvido como se deveria. As escolas ainda não consideram este texto como uma literatura menor, enquanto potência que ativa um coeficiente desterritorializador, uma máquina singular e coletiva, uma texto-canto-vida significativo.

Com relação ao feminismo que empreendem, também não sei se os olhares de muitas consideradas “generóloga” já se voltam para essa parcela de mulheres pensando não somente em conscientizar, mas em estabelecer trocas e aprendizados. Por certo ainda trabalhamos com muitas divisões, mesmo em movimentos contra divisões excludentes, mas também operamos na lógica dos encontros, e o MMTR é feito disso: de redes que apontam para uma outra economia subjetiva, solidária, que apontam para o texto como entrelace, relações de forças. Nesse trançado o MMTR nos convida ao canto, a reler e reescrever, a ouvir o outro, inclusive em nós.

Nesse traçado textual, em rede com o MMTR de Inhambupe, trazemos a cena Helena Parente Cunha<sup>13</sup>, porque percebemos que ela tanto como o MMTR, nos convidam a pensar a mulher nos espelho, a mulher na sua relação consigo e com o mundo, a mulher na sua relação sígnica com o que escreveram sobre e para si. Helena Parente Cunha, no jogo de identidades de seu livro, nos diz que a mulher é ficção e nos instiga a perguntar pela mão que nos escreve. O MMTR de Inhambupe no seu livro-canto-vida já percebeu esta escrita feita a mão única, portanto agora se apropria do discurso e entoa a escrita considerada sem escrita, renova a linguagem e encara, sem

---

<sup>12</sup> Cf. CRUZ, Sandra. In. Op. cit. Cf. também outra de nossa orientação: CORREIA, Silvana. *Imagens de mulheres no livro didático*. Trabalho de conclusão de curso – TCC (Letras). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2009.

<sup>13</sup> CUNHA, Helena Parente. *A mulher no espelho*. São Paulo: Art. Editora, 1985.



medo, o signo mulher, reinventando o sujeito feminino e seu contexto. É assim que nos diz o MMTR de Inhambupe através do canto que é entoado por vários outros MMTRS: “Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participamos sem medo de ser mulher”.

Assumindo-se como personagens e autoras, estas mulheres se reescrevem deslocando suas subjetividades, sem medo, e a sua arma nessa arena textual, nessa guerra de relatos é o seu canto-texto-vida. Que todos nós aprendamos a cantar, ler e escrever, com(o) elas!

### *Bibliografia*

CRUZ, Sandra. MMTR de Inahmbupe: um canto a ser ouvido. Trabalho de conclusão de curso – TCC (Letras). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In. *O que é um autor*. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992.

HOISEL, Evelina. *A leitura do texto artístico*. Salvador: EDUFBA, 1996.

LEJEUNE, Philippe; *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

YUNES, Eliana. Função do leitor: a construção da singularidade. Yunes, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS – Sem medo de se feliz. Livro de cantos do MMTR. Inhambupe-Bahia, s/Ed., 2003.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz*. 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2008.

SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. *Debate feminista*. México: s/ed. 1999.

CORREIA, Silvana. *Imagens de mulheres no livro didático*. Trabalho de conclusão de curso – TCC (Letras). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2009.